

LUTO INFANTIL E PRODUÇÃO DE SENTIDOS DIANTE DA PERDA:
CONTRIBUIÇÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS A PARTIR DO LIVRO
QUANDO ALGUÉM MUITO ESPECIAL MORRE COMO RECURSO DE
ACOLHIMENTO

*Childhood Grief and the Construction of Meaning in the Face of Loss:
Phenomenological-Existential Contributions Based on the Book Quando Alguém
Muito Especial Morre as a Resource for Support*

*Duelo infantil y la Construcción de Sentidos Frente a la Pérdida:
Aportes Fenomenológico-Existenciales a Partir del Libro Quando Alguém
Muito Especial Morre como Recurso de Acogida*

Flora Sezepanik Brasil¹

Isadora Aire Zan²

Mariana Beck Dotti³

Orientador(a): Ana Claudia Kissner Batista⁴

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo compreender a experiência do luto infantil sob a perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial, analisando como as crianças vivenciam, expressam e ressignificam a perda de alguém significativo. A partir de uma pesquisa bibliográfica narrativa, buscou-se integrar reflexões teóricas sobre a finitude, a autenticidade e o sentido da vida, com a utilização de recursos expressivos e da arteterapia como possibilidades de expressão, elaboração e atribuição de sentidos à experiência do luto. Nessa proposta, o livro "Quando Alguém Muito Especial Morre", de Marge Heegaard (1998), é tomado como referência por oferecer um espaço criativo e sensível que permite à criança desenhar, narrar e simbolizar seus sentimentos diante da ausência, favorecendo a elaboração e a ressignificação da perda. A morte é compreendida não apenas como um evento biológico, mas como parte essencial da existência humana, que convida à reflexão sobre o viver e o morrer. Assim, o diálogo entre arteterapia e psicologia mostra um caminho promissor para acolher o luto infantil, possibilitando que a criança expresse suas emoções e construa, em sua própria linguagem, novos sentidos diante da perda.

Palavras-chave: Luto infantil; Psicologia fenomenológico-existencial; Arteterapia.

ABSTRACT: This study aims to understand the experience of childhood grief from the perspective of phenomenological-existential psychology, analyzing how children experience, express, and re-signify the loss of someone significant. Based on a narrative literature review, the study sought to integrate theoretical reflections on finitude, authenticity, and the meaning of life with the use of expressive resources and art therapy as possibilities for expression, elaboration, and the construction of meaning

¹ Discente do curso de Psicologia na UNIPAR. flora.sezepanikbrasil@gmail.com

² Discente do curso de Psicologia na UNIPAR. isadora.aire@gmail.com

³ Discente do curso de Psicologia na UNIPAR. marianabeck.dotti@gmail.com

⁴ Docente do curso de Psicologia de graduação na Faculdade UNIPAR. ana.batista@unipar.br

regarding the experience of grief. In this context, the book *Quando Alguém Muito Especial Morre*, by Marge Heegaard (1998), is used as a reference for offering a creative and sensitive space that allows children to draw, narrate, and symbolize their feelings regarding absence, fostering the elaboration and re-signification of loss. Death is understood not only as a biological event but also as an essential part of human existence, inviting reflection on living and dying. Thus, the dialogue between art therapy and psychology presents a promising path for welcoming childhood grief, enabling children to express their emotions and construct, in their own language, new meanings in the face of loss.

Keywords: Childhood grief; Phenomenological-existential psychology; Art therapy.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo comprender la experiencia del duelo infantil desde la perspectiva de la psicología fenomenológico-existencial, analizando cómo los niños vivencian, expresan y resignifican la pérdida de alguien significativo. A partir de una investigación bibliográfica narrativa, se buscó integrar reflexiones teóricas sobre la finitud, la autenticidad y el sentido de la vida con el uso de recursos expresivos y de la arteterapia como posibilidades de expresión, elaboración y construcción de sentidos frente a la experiencia del duelo. En esta propuesta, el libro *Quando Alguém Muito Especial Morre*, de Marge Heegaard (1998), es tomado como referencia por ofrecer un espacio creativo y sensible que permite al niño dibujar, narrar y simbolizar sus sentimientos frente a la ausencia, favoreciendo la elaboración y resignificación de la pérdida. La muerte es comprendida no solo como un acontecimiento biológico, sino también como parte esencial de la existencia humana, invitando a la reflexión sobre el vivir y el morir. Así, el diálogo entre arteterapia y psicología muestra un camino prometedor para acoger el duelo infantil, posibilitando que el niño exprese sus emociones y construya, en su propio lenguaje, nuevos sentidos frente a la pérdida.

Palabras clave: Duelo infantil; Psicología fenomenológico-existencial; Arteterapia.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da perda é uma das vivências mais amplas e inevitáveis da existência humana, no entanto, quando essa situação ocorre na infância, ela adquire traços particulares, atravessados pela forma como a criança compreende o mundo, significa a ausência e constrói significado diante da morte. Falar sobre luto infantil é, portanto, abordar um tema que ainda é permeado por silêncios, receios e tabus. Conforme destacam Santos e Bueno (2021), a experiência do luto na infância apresenta especificidades relacionadas ao desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, exigindo formas próprias de acolhimento e compreensão.

Compreender como as crianças vivenciam e ressignificam o luto é fundamental para a Psicologia, especialmente para a perspectiva fenomenológica-existencial, que reconhece a singularidade de cada modo de ser e sentir. A morte, nesta concepção, não é apenas um acontecimento biológico, mas uma característica essencial da existência, que convida à reflexão sobre o

sentido da vida e das relações. Estudos recentes apontam que a abordagem fenomenológico-existencial possibilita compreender o sofrimento humano para além dos sintomas, valorizando a experiência subjetiva e os significados atribuídos à vivência da perda (Feijoo e Protasio, 2020). Assim, aprofundar o impacto do luto na infância sugere um olhar para o modo como a criança, em sua sensibilidade e imaginação, encontra caminhos para expressar e elaborar a perda.

O livro “Quando Alguém Muito Especial Morre”, de Marge Heegaard, apresenta uma possibilidade de construção simbólica, permitindo que a criança expresse, por meio de desenhos e cores, o que sente diante da perda. Essa forma de expressão possibilita ao psicólogo uma compreensão mais aprofundada de como o fenômeno da morte se manifesta no mundo vivido pela criança, revelando aspectos subjetivos que, muitas vezes, não são facilmente verbalizados. Nesse sentido, Silva e Ferreira (2019) ressaltam que recursos lúdicos e expressivos favorecem a elaboração emocional de situações difíceis, constituindo importantes estratégias de intervenção psicológica com crianças enlutadas.

Este trabalho propõe-se a refletir sobre os processos de elaboração do luto infantil a partir da perspectiva fenomenológica-existencial, articulando fundamentos teóricos juntamente com a prática proposta por Heegaard, buscando compreender como a elaboração da perda pode abrir espaço para o encontro com a responsabilidade e a liberdade existencial. Espera-se, assim, oferecer contribuições para o trabalho do psicólogo e de outros profissionais que acompanham crianças em situações de luto, promovendo um olhar mais sensível, ético e humano diante dessa vivência. Conforme apontam Franco e Polido (2023), o acompanhamento adequado durante o processo de luto infantil favorece a expressão emocional, a ressignificação da perda e o desenvolvimento de estratégias saudáveis de enfrentamento.

MÉTODOS

Para a construção desse trabalho, foi empregada a pesquisa bibliográfica narrativa como método de investigação e análise. Souza *et al.* (2010), aponta que a pesquisa bibliográfica tem como propósito uma revisão da literatura, proporcionando um estudo mais íntegro e significativo de acordo com

a linha de pesquisa que o pesquisador se propõe a estudar, potencializando seus resultados e atribuindo relação com a temática, já a perspectiva narrativa, segundo Rother (2007), trata-se de uma perspectiva ampla e apropriada para descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob um ponto de vista teórico e atual, constituindo uma análise bibliográfica aliada à interpretação crítica pessoal do autor. Esta categoria possibilita ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento acerca de um tema específico em um curto espaço de tempo, levando a uma integridade e fidedignidade do que foi apresentado. Além disso, a revisão narrativa fornece uma escrita mais subjetiva e interpretativa, na qual o pesquisador pode articular teoria e reflexão pessoal, mantendo o rigor científico necessário à pesquisa acadêmica (ROTHER, 2007).

A sistematização deste trabalho seguiu critérios definidos para garantir a coerência e a relevância das fontes selecionadas. As buscas bibliográficas foram realizadas nas plataformas SciELO, BVS-Psi e PePsic. Foram incluídos artigos, dissertações e teses publicados entre 2017 e 2025, em português ou traduzidos para o português, que abordassem o luto na infância, a abordagem fenomenológico-existencial ou o uso de recursos expressivos e arte terapêuticos no processo de elaboração do luto. Foram utilizados como palavras-chave: luto infantil, fenomenológico-existencial, arteterapia.

O LUTO ENQUANTO FENÔMENO E CONDIÇÃO HUMANA

Antes de compreender o luto em si, torna-se necessário refletir sobre a morte, uma vez que é a partir dela que experienciamos de forma concreta a ausência de alguém. A morte, nesse contexto, não pode ser entendida apenas como o fim da vida em seu sentido biológico, mas como um acontecimento que rompe a continuidade das relações e transforma profundamente o modo como o sujeito se organiza no mundo. Quando alguém significativo morre, não se perde apenas uma pessoa, mas também um conjunto de vivências, vínculos e sentidos construídos ao longo do tempo (Franco, 2010).

Sob a perspectiva fenomenológica-existencial, a morte não se apresenta apenas como um evento pontual, mas como parte constitutiva da existência humana. Conforme propõe Heidegger (1927/2015), o ser humano compreende-se em relação à sua própria finitude, constituindo-se como um ser-para-a-morte. Dessa forma, a experiência da perda coloca o sujeito diante

dessa condição inevitável. Para compreender o luto, é necessário situá-lo como uma experiência humana universal, considerando que, em algum momento, todos estão suscetíveis a vivenciá-lo. Contudo, a perda de alguém significativo não se configura apenas como um evento isolado, mas como uma experiência que atravessa o sujeito em sua totalidade (Feijoo, 2019).

Nesse contexto, é importante compreender que o luto não ocorre de maneira linear ou homogênea. Embora a perda seja uma experiência comum à condição humana, cada indivíduo vivencia a partir de sua história, de suas relações e dos significados atribuídos ao vínculo perdido. A fenomenologia-existencial possibilita compreender o luto para além de etapas pré-definidas, reconhecendo-o como uma experiência singular, atravessada pela forma como cada sujeito se relaciona com o mundo, com o outro e consigo mesmo (Franco e Polido, 2018).

Autores como Sartre (1943/2007) compreendem a existência humana como marcada pela liberdade, entendida como uma condição ontológica do ser, e pela responsabilidade de construir sentidos. Embora o mundo ofereça possibilidades, valores e significados, é o sujeito que, em sua liberdade, atribui sentido a eles de maneira singular. A morte surge como um limite absoluto que interrompe as possibilidades do ser e evidencia a finitude. Embora não possa ser experienciada diretamente pelo próprio sujeito, torna-se manifesta na experiência da perda do outro, exigindo uma reorganização dos sentidos e significados construídos na relação com quem morreu. Nesse sentido, pode-se afirmar que, após a morte, o indivíduo deixa de exercer sua liberdade e suas possibilidades de existência, passando a ser significado pelas experiências, memórias e interpretações daqueles que permanecem.

Do mesmo modo, em Kierkegaard (1844/2010), a finitude está intimamente relacionada à angústia, compreendida como a experiência da liberdade diante das inúmeras possibilidades da existência. A morte, ao revelar-se inevitável, intensifica essa angústia ao evidenciar a fragilidade da condição humana. Assim, a experiência da perda não se restringe à ausência do outro, mas também confronta o sujeito com sua própria condição existencial e com as incertezas inerentes ao futuro.

Quando a morte se concretiza, não se trata apenas da ausência física de uma pessoa, mas da perda de um modo de ser-com-o-outro. O outro não é

apenas alguém externo, mas alguém com quem o sujeito constrói sentidos, compartilha experiências e constitui aspectos fundamentais de sua identidade (Heidegger, 1927/2015). Sua ausência provoca uma ruptura que exige uma reconfiguração do modo de estar-no-mundo. Não se trata de “superar” a perda no sentido de eliminá-la, mas de integrá-la à própria história, permitindo que novos significados possam emergir a partir da ausência (Franco e Polido, 2018).

Assim, o luto configura-se como um movimento de reorganização existencial diante da finitude, no qual o sujeito é convocado a ressignificar sua relação com o outro, com o mundo e consigo mesmo. A morte, ao interromper a presença, não extingue os sentidos construídos, mas os transforma, exigindo um posicionamento diante da própria existência (Sartre, 1943/2007). Dessa forma, o luto revela-se não apenas como uma experiência de dor, mas também como um processo profundamente humano de atribuição de sentidos frente à inevitabilidade da perda.

A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL NO CONTEXTO DESTE ESTUDO

A Fenomenologia Existencial

Cerbone (2012), em *Fenomenologia*, afirma que a fenomenologia tem seu desenvolvimento consolidado no século XX, embora apresente antecedentes importantes no século XIX. Essa abordagem propõe um retorno aos fenômenos tal como eles se manifestam à experiência, buscando compreender a realidade não de forma abstrata ou reducionista, mas a partir da maneira como ela é vivida e significada por quem a experiencia. Assim, o foco recai sobre a compreensão da experiência consciente e dos significados atribuídos às vivências.

Dessa forma, observa-se que a noção de fenômeno está intrinsecamente relacionada às experiências vividas de maneira subjetiva, tornando-se fundamental para a compreensão singular do indivíduo e de seu modo próprio de relacionar-se com o mundo.

Ao adotar a psicologia fenomenológica como referencial teórico e prático, abre-se espaço para um olhar fundamentado na redução fenomenológica, que consiste em observar os fenômenos suspendendo crenças, pressupostos e julgamentos prévios. Busca-se, assim, compreender a experiência tal como ela é

vivida, significada e expressa pelo indivíduo. Nesse sentido, Cerbone (2012, s.p.) define que:

“o qualificador ‘pura’ indica o papel da redução fenomenológica como o primeiro passo indispensável no isolamento do fluxo da experiência consciente; a pureza desse fluxo é uma função da suspensão de quaisquer questões com respeito à relação entre a experiência e o mundo circundante [...]” (Cerbone, 2012, s.p).

Ao adotar esse método e suspender compreensões prévias acerca da experiência do outro, o profissional se dispõe a uma escuta fundamentada na redução fenomenológica, favorecendo a compreensão da singularidade humana e dos significados construídos por cada indivíduo em sua relação com o mundo. Dessa forma, a fenomenologia-existencial contribui para que o sofrimento humano não seja reduzido a classificações ou diagnósticos, mas compreendido em sua dimensão singular e contextualizada. No contexto do luto infantil, torna-se fundamental considerar os sentidos que a própria criança atribui à perda, respeitando suas possibilidades de compreensão, expressão e relação com o mundo.

Cerbone (2012), em *Fenomenologia*, afirma que o termo “fenomenologia” significa estudo dos fenômenos, trazendo a ideia de que as noções de fenômeno e experiência estão intrinsecamente relacionadas. Essa compreensão volta-se aos fenômenos tal como se manifestam à consciência, ou seja, à maneira pela qual o sujeito compreende suas vivências por meio de sua experiência consciente.

Schneider (2011, p. 86), na obra *Sartre e a Psicologia Clínica*, apresenta a noção de consciência e intencionalidade, compreendendo a intencionalidade como condição essencial da consciência, uma vez que esta se encontra sempre dirigida a algo, seja um objeto real ou imaginário. Dessa maneira, a consciência estabelece-se continuamente na relação com aquilo que é vivido, sendo atravessada pelos significados atribuídos às experiências e à própria existência. Essa compreensão evidencia a capacidade humana de apreender o mundo e de estar sempre voltado à intencionalidade. Tal capacidade não se configura como uma substância que ocupa espaço, mas como um “acontecimento pleno e concreto no mundo” (Schneider, 2011, p. 86). Ou seja, compreende-se que esse sujeito é um sujeito consciente e intencional, e esta compreensão, nos coloca diante da noção de que a consciência sempre se encontra dirigido a algo, seja um objeto real imaginário, ela está sempre voltada para alguma coisa, o que

nomeia-se de intencionalidade, que significa que a consciência é sempre consciência de algo.

Nos levando de encontro ao conceito sartreano de “Para-si”, o sujeito, além de ter sua consciência voltada a algo, ele tem a consciência voltada a si mesmo, atribuindo a capacidade não apenas de experiência o mundo, mas de refletir sobre suas experiências, permeando o processo de reconhecer o sentido diante da sua existência.

Neste sentido, compreendem-se dois modos de operação da consciência. O primeiro refere-se à consciência pré-reflexiva, relacionada à maneira como o sujeito apreende o mundo antes mesmo de refletir sobre ele. Trata-se de uma experiência imediata, espontânea e vivida corporalmente. Conforme afirma Perdigão (1995, p. 57), “o cogito pré-reflexivo é a consciência que tenho de ser consciência, mas de uma maneira não-posicional [...] é o fundo necessário de qualquer pensamento, irreflexivo ou reflexivo”.

O segundo modo corresponde à consciência reflexiva, que depende da primeira por fundamentar-se na reflexão sobre uma experiência inicialmente vivida (de forma pré-reflexiva). Como destaca Perdigão (1995, p. 38), trata-se da consciência voltada para si mesma, na qual o “Para-si” direciona sua atenção à própria experiência. Dessa forma, o sujeito torna-se capaz de tomar consciência reflexiva de seus atos, pensamentos e vivências, reconhecendo-se como participante ativo de sua própria existência.

A fenomenologia-existencial compreende, portanto, a consciência como algo que está constantemente em relação com o mundo e com aquilo que é vivido. Nessa perspectiva, o ser humano não é entendido como algo determinado ou determinado, mas como um ser que constrói significados continuamente por meio de suas experiências, relações e escolhas. A consciência não é isolada, é sempre direcionada a algo, seja uma pessoa, um objeto, uma lembrança ou uma experiência vivida.

Existência e Liberdade na Fenomenologia Existencial

A existência assume papel central nessa abordagem, pois o ser humano não é compreendido a partir de uma essência pré-definida. Entende-se que, ao existir e experienciar o mundo, ele se constitui continuamente. Assim, ao apropriar-se de si mesmo, coloca-se diante de si e de sua própria existência,

torna-se possível a construção de sentido diante de sua existência através da sua liberdade.

Nesse contexto, a liberdade emerge como condição fundamental da existência humana, não se tratando de algo adquirido ao longo da vida. Desde o início de sua existência, o indivíduo encontra-se livre para relacionar-se com o mundo e construir significados a partir de suas experiências. É por meio dessa liberdade que se constitui enquanto sujeito, dentro de suas possibilidades concretas, de suas condições de existência e das formas pelas quais atribui sentido à própria realidade. Nesse sentido, Sartre (2007, p. 67) afirma que: “A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da realidade humana”.

Dessa forma, todas as ações humanas, sejam elas racionais ou emocionais, encontram-se atravessadas pela liberdade, não sendo possível escapar dessa condição. Entretanto, embora seja livre, o sujeito também se depara com a facticidade. Conforme afirma Perdigão (1995), a facticidade corresponde às condições concretas da existência, representadas por tudo aquilo que não foi escolhido, como o local de nascimento, a cultura, a classe social, a época histórica e demais circunstâncias que compõem a realidade vivida.

Contudo, mesmo diante dessas condições, o indivíduo permanece responsável pela maneira como se posiciona frente ao mundo e às possibilidades que se apresentam. Na perspectiva existencialista, não é possível deixar de escolher, pois até mesmo a não escolha constitui uma forma de posicionamento diante da própria existência. Nesse sentido, o sujeito encontra-se diante de uma liberdade ontológica e situada, permeada por circunstâncias concretas que influenciam suas possibilidades de ação, contudo, determina completamente suas escolhas. Como afirma Perdigão (1995, p. 87), “Toda liberdade é liberdade situada na realidade objetiva, situada no campo da facticidade”.

Assim, a liberdade não é compreendida como absoluta ou ilimitada, mas como uma condição que se realiza dentro das possibilidades concretas da existência. Estas possibilidades, são feitas através da historicidade do sujeito e de tudo que o cerca, pois o homem é lançado em um mundo que já existe,

cercado de normas e regras. O ser humano encontra-se constantemente fadado a construir sentidos e realizar escolhas diante dessas condições que lhe são dadas, assumindo responsabilidade por sua forma singular de estar-no-mundo.

A Liberdade, Angústia e Morte para a Fenomenologia Existencial

É por meio da liberdade de ser que o homem se constitui como sujeito diante do mundo, ao mesmo tempo em que se depara com os limites de sua liberdade situada, caracterizada pela facticidade que o cerca, isto é, pelas condições concretas de sua existência, como o contexto social, as condições socioeconômicas, o momento histórico e a realidade política em que está inserido. Dessa forma, as possibilidades de escolha são atravessadas por essas circunstâncias, o que pode gerar angústia diante da responsabilidade inerente ao existir e ao escolher.

Portanto, é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade. Ao reconhecer que não é um ser previamente determinado, depara-se com a responsabilidade envolvida na construção de si mesmo. Em outras palavras, o ser humano percebe que é livre para escolher o que fazer de sua existência, mas compreende, simultaneamente, que é totalmente responsável por essas escolhas. Tal condição pode gerar angústia, uma vez que não existem respostas prontas ou caminhos previamente definidos a serem seguidos. Nesse sentido, “a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser” (Sartre, 2007, p. 71). Dessa maneira, a angústia não é compreendida apenas como algo negativo, mas como uma condição própria da existência humana, pois revela ao sujeito sua responsabilidade diante da liberdade e das possibilidades de construção de si mesmo.

Compreende-se ainda que não há possibilidade de escolha diante da morte, tornando esse fenômeno também relacionado à angústia da liberdade. O homem perde sua capacidade de escolha diante dessa condição inevitável da existência. Conforme Perdigão (1995), ao interpretar Sartre, a morte não é algo que o homem escolhe ou define, não constituindo, portanto, um projeto da consciência.

A morte interrompe o processo de temporalização da existência. Com ela, o sujeito deixa de ser um projeto em constante construção e transformação, passando a apresentar-se como algo concluído. Dessa forma, a existência

assume um caráter acabado, e o homem passa a existir como objeto para os outros, evidenciando a passagem do para-si, enquanto abertura de possibilidades, para o em-si, compreendido como fechamento dessa abertura temporal.

Assim, a morte transforma o sujeito em algo fixo e conclusivo, encerrando suas possibilidades de escolha e liberdade. Ao ser tomado pela morte, deixa de possuir consciência e capacidade de autodeterminação, tornando-se objeto para aqueles que permanecem. Nesse contexto, o outro assume o papel de interpretar e atribuir significado à existência daquele que morreu. Como afirma Perdigão (1995, p. 103), “A morte é como um ladrão que nos despoja de nosso maior bem, a vida, para entregá-lo ao Outro”.

Em síntese, compreende-se que o ser humano está em constante construção de sua existência por meio de suas escolhas e experiências. Entretanto, essa liberdade implica responsabilidade, fazendo com que o sujeito se confronte com a angústia decorrente da necessidade de decidir e atribuir sentido à própria vida. Nessa perspectiva, a morte é entendida como o encerramento dessas possibilidades, interrompendo projetos e transformando o sujeito em alguém que passa a existir apenas por meio das lembranças, interpretações e significados atribuídos um ser-para-o-outro.

O Luto na Infância Sob a Perspectiva Fenomenológica existencial

Compreender o luto na infância a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial envolve ir além de concepções que limitam a criança a uma vivência meramente reativa diante da perda. Nessa abordagem, o luto não é compreendido apenas como um conjunto de respostas emocionais, mas como um fenômeno relacionado à existência do sujeito e às condições concretas de sua realidade. Diante da experiência da perda, a criança é convocada a relacionar-se com a ausência e, dentro de suas possibilidades existenciais, construir sentidos para aquilo que vivencia.

Nesse contexto, a criança não é concebida como alguém incapaz de compreender e elaborar a perda, mas como um sujeito que, à sua maneira, atribui significados à experiência vivida. A fenomenologia-existencial, ao compreender a existência como um processo contínuo de relação com o mundo e com os outros, permite reconhecer que a criança também participa ativamente

da construção de sentidos diante da dor, da ausência e das transformações decorrentes da perda. Conforme propõe Heidegger (1927/2015), o ser humano existe sempre em um horizonte de significados, sendo constantemente afetado pelas experiências que o atravessam e respondendo a elas de maneira singular.

Além disso, estudos mais recentes têm destacado que as crianças possuem recursos próprios para compreender e elaborar situações de perda, ainda que essa elaboração ocorra de formas distintas das observadas em adultos. Conforme apontam Franco e Polido (2018), a vivência do luto infantil está diretamente relacionada aos significados construídos pela criança acerca da morte, das relações afetivas e das mudanças decorrentes da ausência da pessoa perdida.

Assim, o luto infantil pode ser compreendido como uma experiência que mobiliza não apenas afetos, mas também processos de construção de sentidos, por meio dos quais a criança busca compreender e posicionar-se diante da ausência de alguém significativo. A partir dessa perspectiva, torna-se possível aprofundar a compreensão da criança como sujeito da experiência do luto, reconhecendo os diferentes modos pelos quais ela elabora, expressa e ressignifica essa vivência.

A Criança como Sujeito da Experiência do Luto

A compreensão do luto na infância exige que a criança seja reconhecida como sujeito de sua própria experiência. Durante muito tempo, concepções tradicionais compreenderam a criança como alguém incapaz de elaborar a perda de forma significativa, reduzindo ou minimizando suas vivências emocionais. No entanto, perspectivas contemporâneas têm evidenciado que as crianças possuem recursos próprios para compreender e atribuir sentidos às experiências de perda, ainda que de maneira distinta dos adultos (Franco e Polido, 2018). Sob essa perspectiva, especialmente na abordagem fenomenológico-existencial, a criança é compreendida como um ser que vive, sente e produz significados diante do mundo que a cerca.

O luto infantil não pode ser entendido apenas como uma reação emocional à perda, mas como uma experiência vivida que mobiliza a forma como a criança percebe a si mesma, o outro e o mundo. Reconhecer a criança como sujeito da experiência do luto implica considerar sua capacidade de

produzir sentido diante da ausência e de comunicar o sofrimento por meio de formas singulares de expressão, muitas vezes manifestadas por recursos simbólicos. Nesse processo, torna-se fundamental reconhecer e acolher essas manifestações, evitando o silenciamento ou a minimização de suas vivências. Muitas vezes, na tentativa de proteção, os adultos acabam excluindo as crianças das conversas sobre a morte ou desconsiderando suas formas particulares de expressão do sofrimento. Contudo, conforme indica Bowlby (1985), as rupturas de vínculos produzem impactos significativos na maneira como o sujeito experiencia a ausência, inclusive durante a infância. Sob a perspectiva fenomenológico-existencial, compreende-se que a criança é afetada pelas experiências de perda e mobilizada a produzir sentidos diante delas.

Portanto, a infância não deve ser compreendida como um estado de incompletude, mas como um modo singular de estar-no-mundo. Ao desenvolver o conceito de ser-no-mundo, Heidegger (1927/2015) destaca que a existência humana acontece sempre em relação a um horizonte de sentidos e experiências compartilhadas. Desse modo, a criança também se encontra inserida em um campo de relações, afetos e significações, construindo compreensões próprias acerca das situações que vivencia.

A experiência da perda, nesse contexto, pode atravessar profundamente seu modo de existir, mobilizando novas formas de compreender a ausência e os vínculos. A partir das reflexões propostas por Sartre (1943/2007), entende-se que o sujeito se constitui continuamente por meio dos sentidos produzidos em sua experiência vivida. Assim, ainda que a criança não elabore a morte nos mesmos termos do adulto, ela busca, à sua maneira, compreender e atribuir significado àquilo que vivencia.

Muitas vezes, essa elaboração ocorre por meio de recursos expressivos que ultrapassam a linguagem verbal, constituindo formas legítimas de manifestação do mundo infantil. Nesse sentido, diferentes recursos expressivos podem favorecer a manifestação e a elaboração dessas vivências, aspecto que dialoga com práticas terapêuticas voltadas ao acolhimento da criança enlutada. Essa compreensão aproxima-se da proposta apresentada por Heegaard (1998) em *Quando Alguém Muito Especial Morre*, ao defender a importância de oferecer espaços seguros para que a criança possa expressar sentimentos, dúvidas, lembranças e significados relacionados à experiência da perda.

Desenvolvimento da Subjetividade Infantil e Compreensão da Morte

A compreensão da morte na infância não surge como um saber dado ou plenamente estruturado, mas como um processo construído ao longo do desenvolvimento da criança, em constante interação com suas experiências, vínculos afetivos e contexto sociocultural. Sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, esse processo não pode ser reduzido a etapas cognitivas universais, mas deve ser compreendido a partir da singularidade de cada sujeito, considerando a forma como a criança vivencia e atribui significados à finitude em seu mundo vivido.

Perdigão (1995) afirma que, segundo Sartre, a subjetividade constitui o ponto de partida da psicologia fenomenológico-existencial, sendo construída na relação entre liberdade e experiência. Nessa perspectiva, ela não se desenvolve de maneira isolada, fixa ou pré-determinada, mas é continuamente constituída pelas vivências e pela forma singular como cada indivíduo se posiciona diante da realidade que o cerca.

Assim, o ser humano não nasce com uma essência pronta, mas constrói a si mesmo ao longo de sua existência. Sartre (2007) compreende o sujeito como um ser em constante transformação, que atribui sentidos às próprias vivências a partir de suas escolhas e da maneira como experiencia o mundo. Desse modo, a subjetividade corresponde a um movimento contínuo de construção de significados, no qual as relações estabelecidas ao longo da vida participam ativamente da constituição do sujeito. Pode-se afirmar, portanto, que o indivíduo não é algo pronto ou acabado, mas alguém em permanente processo de transformação.

Nesse contexto, a construção da ideia de morte não ocorre apenas por meio de explicações formais, mas também nas relações que a criança estabelece com o outro e com as situações de perda que atravessam sua existência. Inicialmente, a morte pode não ser compreendida em seu caráter definitivo, sendo vivenciada de forma fragmentada, simbólica ou associada a experiências de ausência e separação. Contudo, isso não significa ausência de compreensão, mas a presença de formas singulares de elaboração e atribuição de sentidos.

Nessa direção, contribuições da psicologia da infância apontam que a criança expressa e elabora suas vivências por meio de diferentes linguagens,

que ultrapassam a dimensão verbal. De acordo com Oaklander (2006), o brincar, o desenho e outras formas expressivas constituem importantes meios de comunicação do mundo interno infantil, possibilitando a expressão de emoções, experiências e conflitos. Assim, mesmo quando não consegue nomear a morte de forma direta, a criança encontra caminhos para simbolizá-la e atribuir significados à experiência da perda por meio do brincar, da imaginação e da criação.

O contato com a morte pode ser compreendido como um momento significativo no processo de constituição subjetiva da criança, uma vez que a confronta com experiências de ausência, ruptura de vínculos e transformações em seu modo de estar-no-mundo. A finitude, nesse sentido, não se refere apenas ao término da vida, mas também às experiências de perda e mudança que passam a integrar o mundo vivido da criança. Ainda que essa condição não seja apreendida conceitualmente em sua totalidade, ela se apresenta de maneira concreta na experiência da ausência, exigindo modos singulares de entendimento, compreensão e ressignificação das relações.

A Busca de Sentido Diante da Dor e a Ausência como Presença Transformada

A experiência do luto na infância, para além da vivência da perda, pode ser compreendida como um movimento de busca de sentido diante da dor. Se, como discutido anteriormente, a criança constrói sua compreensão da morte a partir de suas experiências e relações, é nesse contexto que ela procura elaborar e integrar a experiência da ausência ao seu mundo vivido. O luto, nesse cenário, não se limita a uma reação emocional, mas configura-se como um processo por meio do qual a criança, à sua maneira, atribui significado àquilo que foi perdido.

Sob a perspectiva fenomenológico-existencial, entende-se que o ser humano se constitui na relação com o mundo, sendo constantemente atravessado pela necessidade de significar suas experiências. Conforme propõe Sartre (1943/2007), a existência humana implica uma contínua construção de sentidos frente às situações vividas, mesmo quando estas se apresentam sob a forma de ruptura ou sofrimento. Nesse sentido, a experiência da perda instiga a criança não apenas a sentir a ausência, mas também a ressignificar sua própria

relação com aquilo que deixou de estar presente, ainda que de forma não verbal ou não conceitual.

Nesse processo, o luto pode ser compreendido como uma forma de reconstrução simbólica, na qual a criança busca reorganizar seu mundo diante da ausência de alguém significativo. Essa reconstrução não implica o esquecimento ou a superação da perda, mas a possibilidade de integrar essa experiência à sua história, ressignificando o vínculo estabelecido com o outro.

No contexto do luto infantil, a ausência de alguém significativo frequentemente, em um primeiro momento, é associada a um vazio marcado pela sensação de falta e pela ruptura do vínculo. No entanto, essa compreensão pode ser ampliada quando se considera que a ausência não se configura apenas como perda, mas também como uma forma de presença que se transforma ao longo da experiência, permanecendo de outras maneiras na vida da criança, seja nas lembranças, nos afetos ou em situações cotidianas que remetem ao que foi vivido em conjunto (Franco, 2010).

Quando essa compreensão ainda não está consolidada, a ausência pode ser sentida como um vazio difícil de nomear, acompanhado de certa desorganização emocional, uma vez que a criança ainda não dispõe de recursos simbólicos suficientes para elaborar aquilo que está vivenciando (Bowlby, 1980). Ainda assim, esse vazio não precisa ser compreendido apenas como falta de sentido, mas como um espaço que, gradualmente, pode ser preenchido por significados construídos a partir das lembranças, dos afetos e das experiências que permaneceram.

Mesmo diante da morte, aquilo que foi vivido com a pessoa não desaparece completamente, permanecendo presente nas lembranças associadas a lugares, brincadeiras e experiências do cotidiano, especialmente em momentos anteriormente compartilhados. Assim, sempre que a criança se envolve em situações que remetem a essas vivências, é comum que recordações e afetos sejam despertados, fazendo com que o outro continue, de certo modo, presente em sua experiência (Franco, 2010).

Essa compreensão aproxima-se das discussões contemporâneas sobre a continuidade dos vínculos, segundo as quais o processo de luto não implica necessariamente o rompimento da relação com a pessoa falecida, mas sua transformação em novas formas de presença simbólica e afetiva (FRANCO;

Polido, 2018). Nessa perspectiva, a ausência deixa de ser compreendida apenas como perda e passa a ser percebida também como uma forma de presença que se manifesta por meio da memória, dos afetos e dos significados construídos ao longo da relação. O vínculo, portanto, não se rompe, mas se transforma, passando a ocupar um novo lugar na experiência.

Quando a ausência não é compreendida apenas como ruptura, mas como algo que pode ser ressignificado, a experiência do luto tende a deixar de ser vivida exclusivamente como algo ameaçador ou insuportável, abrindo espaço para que o sujeito, respeitando seu próprio tempo, construa novos sentidos diante da perda (Frankl, 1946/2019).

Ao longo deste percurso, destacou-se que a relação com a morte não se limita à compreensão de seu acontecimento, mas envolve processos mais amplos de constituição da subjetividade, nos quais a ausência é gradualmente integrada ao mundo vivido. Nesse contexto, o luto revela-se como um movimento singular de elaboração, no qual a criança, a partir de suas possibilidades, constrói formas de se relacionar com a dor, com a memória e com a transformação dos vínculos. Assim, torna-se possível compreender a experiência do luto infantil para além de uma dimensão meramente reativa, reconhecendo-a como um processo de produção de sentidos que atravessa e constitui a existência.

Nessa direção, materiais voltados ao público infantil, como a obra *Quando Alguém Muito Especial Morre*, de Heegaard (1998), evidenciam a importância de oferecer à criança meios para expressar e elaborar suas vivências de perda. Ao possibilitar que sentimentos, dúvidas, lembranças e experiências sejam simbolizados, esses recursos dialogam com a compreensão de que a criança não apenas sente a ausência, mas também constroi sentidos diante dela.

DESENHO, NARRATIVA E BRINCADEIRA COMO POSSIBILIDADE DE ABORDAGEM PARA O LUTO

No contexto do luto infantil, o desenho, a brincadeira e a imaginação configuram-se como importantes formas de expressão, especialmente porque a criança, muitas vezes, ainda não dispõe de recursos suficientes para verbalizar tudo aquilo que sente. Por meio dessas manifestações simbólicas, ela consegue comunicar, ainda que indiretamente, aspectos de sua experiência interna,

organizando conteúdos que, de outra forma, poderiam permanecer confusos ou difíceis de nomear (Therense, 2019). Dessa maneira, o brincar, o imaginar e o desenhar constituem formas legítimas de expressão da experiência vivida, possibilitando à criança comunicar aspectos de seu sofrimento que nem sempre conseguem ser elaborados pela linguagem verbal.

Ao desenhar, brincar ou imaginar situações envolvendo a pessoa que morreu, a criança não está necessariamente negando a realidade da perda. Ao contrário, pode estar buscando compreender e atribuir sentido àquilo que vivenciou, mantendo o vínculo com a pessoa ausente da maneira que lhe é possível naquele momento. Esse movimento favorece a transformação da ausência em uma presença simbólica, construída por meio das lembranças, dos afetos e das experiências compartilhadas.

É importante reconhecer que essas manifestações não podem ser interpretadas de forma fixa ou universal, uma vez que cada criança vivencia o luto de maneira singular. Aquilo que, para uma criança, pode representar um processo de ressignificação da perda, para outra pode assumir significados distintos. Tal compreensão reforça a necessidade de considerar sempre a história, o contexto e a experiência individual de cada sujeito. Nesse sentido, recursos lúdicos e expressivos podem favorecer a elaboração de aspectos difíceis relacionados à perda, sem exigir, necessariamente, uma compreensão totalmente verbalizada dos sentimentos envolvidos (Nascimento, 2017).

Sob essa perspectiva, as produções simbólicas da criança não devem ser compreendidas apenas como atividades recreativas, mas como possibilidades de acesso aos significados construídos diante da experiência do luto. Ao desenhar, brincar ou imaginar, a criança encontra formas de expressar emoções, dúvidas, medos e lembranças, favorecendo a construção de sentidos diante da ausência e contribuindo para a ressignificação da perda.

A Proposta de Marge Heegaard como Dispositivo de Acolhimento

Marge Heegaard (1929-2024) foi escritora, educadora e arteterapeuta norte-americana, reconhecida pelo desenvolvimento de materiais terapêuticos voltados à infância e à expressão emocional diante de experiências difíceis, especialmente aquelas relacionadas ao luto, às perdas e às mudanças significativas. Conforme descrito em sua trajetória profissional, após vivenciar

experiências pessoais de luto, Heegaard passou a dedicar sua atuação ao suporte de pessoas enlutadas, desenvolvendo grupos de apoio e materiais terapêuticos destinados a adultos e crianças, com foco na expressão simbólica e criativa das emoções.

A proposta apresentada no livro *Quando Alguém Muito Especial Morre*, de Heegaard (1998), pode ser compreendida como uma importante ferramenta de acolhimento no contexto do luto infantil, na medida em que oferece à criança um espaço seguro, estruturado e, ao mesmo tempo, aberto à expressão subjetiva. Trata-se de um material interativo, elaborado para ser preenchido e ilustrado pela própria criança, cujo foco não está na qualidade estética dos desenhos, mas na possibilidade de expressão da experiência de perda.

Conforme indicado na própria obra, a criança é convidada a utilizar cores, formas e palavras para “contar sua história pessoal” (Heegaard, 1998, p. 6). Nesse processo, a autora orienta que o adulto esteja presente de forma acolhedora e disponível para escutar, sem impor interpretações ou acelerar a elaboração da perda. Tal postura favorece um ambiente de expressão livre e segura, permitindo que a criança entre em contato com sua experiência de maneira menos invasiva, respeitando seus limites emocionais e sua forma singular de manifestar sentimentos diante da ausência.

Ao expressar-se por meio da criação artística, a criança transforma o material não apenas em um livro, mas também em um espaço próprio, preenchido por narrativas, lembranças, emoções e significados. Ao longo das atividades propostas por Heegaard, como desenhar a pessoa que morreu, representar sentimentos no corpo ou ilustrar lembranças significativas, favorece-se a externalização de conteúdos que, muitas vezes, não encontram espaço na linguagem verbal. Dessa forma, a criança pode atribuir sentidos à experiência vivida por meio da expressão simbólica e criativa, aspecto que dialoga com a compreensão fenomenológico-existencial da experiência humana (Therense, 2019).

O material não busca oferecer respostas prontas sobre a morte nem conduzir a criança a uma elaboração padronizada do luto. Ao contrário, procura favorecer um espaço no qual sentimentos, dúvidas, medos e lembranças possam emergir e ser acolhidos de maneira singular. Nesse sentido, o livro pode ser compreendido como um mediador simbólico entre a criança e sua

experiência de ausência, permitindo que conteúdos difíceis de serem acessados pela linguagem verbal encontrem possibilidades de expressão por meio do desenho e da criação artística. Tal compreensão aproxima-se da concepção da arte como uma importante via de acesso à experiência vivida e à produção de significados (Nascimento, 2017).

Essa proposta aproxima-se da atitude fenomenológica, que busca compreender o fenômeno tal como ele se apresenta à experiência, suspendendo julgamentos prévios e reconhecendo a singularidade de cada vivência. Ao priorizar a escuta, a liberdade expressiva e a construção singular de sentidos diante da perda, o material reconhece a criança como sujeito de sua própria experiência, respeitando sua maneira particular de vivenciar e significar a ausência (Cerbone, 2012).

O Psicólogo Como Facilitador da Elaboração do Luto Infantil Através da Utilização de Recursos Expressivos

O presente trabalho articulou conceitos da psicologia fenomenológico-existencial com as propostas apresentadas por Heegaard (1998), possibilitando refletir sobre o uso de recursos expressivos na clínica psicológica voltada ao luto infantil. A partir dessa articulação, foi possível compreender a relevância de práticas que valorizem a singularidade da experiência infantil e os diferentes modos pelos quais a criança atribui sentidos à perda.

A proposta apresentada por Heegaard (1998) amplia as possibilidades de escuta clínica ao reconhecer formas de expressão que ultrapassam a linguagem verbal. Nesse contexto, o psicólogo que atua sob a perspectiva fenomenológico-existencial mantém uma postura fundamentada na redução fenomenológica e na compreensão da experiência vivida, mas passa também a considerar o desenho, a imaginação, o brincar e outras manifestações expressivas como formas legítimas de comunicação da experiência infantil.

Dessa forma, recursos expressivos e arteterapêuticos podem favorecer a externalização de sentimentos, dúvidas, medos e lembranças relacionados à perda, oferecendo à criança um espaço acolhedor para a construção de sentidos diante da ausência. Nessa perspectiva, o profissional assume um papel de

facilitador do processo de expressão e elaboração, respeitando o modo singular como cada criança vivencia e significa sua experiência.

A partir das reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo, tornou-se possível compreender o luto infantil como uma experiência singular, atravessada por múltiplos processos de significação. Sob a perspectiva fenomenológico-existencial, a criança não é entendida como alguém incapaz de compreender a perda, mas como um sujeito que vivencia, sente e atribui sentidos à ausência de alguém significativo a partir de suas próprias possibilidades de elaboração. Assim, o sofrimento infantil diante da morte não pode ser reduzido a reações passageiras, devendo ser reconhecido em sua dimensão existencial e subjetiva.

Além disso, a discussão permitiu refletir sobre a morte e o luto como experiências inerentes à existência humana, capazes de mobilizar processos de transformação, reconstrução de significados e reorganização das relações com o mundo e com os outros. Nesse contexto, a utilização de recursos expressivos mostra-se compatível com a compreensão fenomenológico-existencial da experiência humana, favorecendo formas de acolhimento sensíveis às especificidades da infância.

Por fim, considera-se que a ampliação das discussões sobre o luto infantil pode contribuir para a qualificação das práticas desenvolvidas por psicólogos e demais profissionais que atuam junto ao público infantil, favorecendo intervenções que reconheçam a expressão além da linguagem verbal da criança e a mesma, como sujeito ativo na construção de sentidos diante da experiência da perda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender a experiência do luto infantil sob a perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial, investigando como as crianças atribuem significado à perda e de que forma recursos expressivos e arteterapêuticos podem favorecer na elaboração dessa vivência; contribuindo para o fortalecimento do reconhecimento da capacidade de experiencição, significação e subjetivação infantil, frente a experiência da perda, comprovando que a criança não é passiva frente ao luto, mas sim, capaz de produzir sentido e se expressar através de expressões simbólicas.

Ao longo deste estudo, tornou-se possível compreender que o luto infantil não deve ser silenciado ou minimizado, mas acolhido em sua singularidade. A criança, mesmo diante de suas limitações cognitivas e emocionais relacionadas ao desenvolvimento, vivencia a ausência de maneira profunda, construindo sentidos a partir das relações, memórias e vínculos estabelecidos com a pessoa que morreu, assim, reconhecer sua capacidade de expressão e significação implica também reconhecer sua condição de sujeito diante da experiência da perda.

A partir da revisão bibliográfica narrativa realizada, foi possível refletir e salientar a morte e o luto não apenas como eventos marcados pela dor, mas como experiências humanas, com processos de construção de sentidos, subjetividade e transformação existencial.

Propôs-se também, evidenciar o psicólogo como facilitador do processo de elaboração do luto infantil, segundo os princípios da fenomenologia-existencial e norteados pelo material de Marge Heegaard (1998) como ferramenta psicoeducativa e interventiva no contexto do luto infantil.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar os olhares sobre o luto na infância, proporcionando práticas de cuidado mais humanizadas e sensíveis à experiência infantil. Além disso, evidenciamos a importância de oferecer espaços de escuta, acolhimento e expressão simbólica, nos quais a criança possa vivenciar o luto sem a necessidade de silenciar sua dor ou acelerar seu processo de elaboração. Compreender o luto infantil a partir da fenomenologia existencial é, principalmente, reconhecer a criança como sujeito de sua própria experiência, capaz de sentir, significar e reconstruir sentidos diante da ausência.

REFERÊNCIAS

1. BOWLBY J. Apego e perda: tristeza e depressão. v. 3. São Paulo: Martins Fontes, 1985; 455p.
2. CERBONE DR. Fenomenologia. Petrópolis: Vozes, 2012; 200p.
3. FEIJOO AMLC. A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica fenomenológico-existencial. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019; 240p.
4. FEIJOO AMLC, PROTASIO MM. A clínica fenomenológico-existencial e a compreensão do sofrimento humano. Revista da Abordagem Gestáltica, 2020; 26(3): 350-360.
5. FRANCO MHP. Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus, 2010; 248p.
6. FRANCO MHP, POLIDO KK. Luto, família e desenvolvimento humano. Curitiba: Juruá, 2018; 240p.
7. FRANCO MHP, POLIDO KK. Os desafios do luto na contemporaneidade. São Paulo: Summus, 2021; 272p.
8. FRANKL VE. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2019; 187p.
9. HEEGAARD M. Quando alguém muito especial morre: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza. Porto Alegre: Artmed, 1998; 32p.
10. HEIDEGGER M. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2015; 598p.
11. KIERKEGAARD S. O conceito de angústia. Petrópolis: Vozes, 2010; 230p.
12. NASCIMENTO ACB. A arte como expressão da experiência vivida: contribuições fenomenológicas à clínica infantil. Curitiba: Appris, 2017; 180p.
13. NASCIMENTO CL. A experiência da arte e a psicoterapia: reflexões fenomenológicas. Mnemosine, 2017; 13(2): 20-28.
14. OAKLANDER V. Descobrindo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 2006; 415p.
15. PERDIGÃO P. Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995; 200p.
16. ROTHER ET. Revisão sistemática x revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem, 2007; 20(2): v-vi.
17. SARTRE JP. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2007; 782p.

18. SCHNEIDER DR. Sartre e a psicologia clínica. Florianópolis: UFSC, 2011; 322p.
19. SOUZA MT, SILVA MD, CARVALHO R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo), 2010; 8(1): 102-106.
20. THERENSE M. O processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico. Revista da Abordagem Gestáltica, 2019; 25(1): 15-25.